

## A Guerra do Contestado sob o olhar da imprensa florianopolitana

Wilmar Eduardo Poluceno

[poluceno82@hotmail.com](mailto:poluceno82@hotmail.com)

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar os jornais de Florianópolis entre os meses de setembro e novembro de 1912, buscando compreender quais eram as visões da imprensa ilhéu sobre os tópicos que são abordados pelo Contestado: o suposto fanatismo que cercava os sertanejos que lutaram na guerra; a questão das terras pretendidas por Santa Catarina e Paraná; a guerra envolvendo os sertanejos, as polícias estaduais e as tropas do governo brasileiro. Através dos jornais *O Clarão* e *Folha do Comercio*, estes temas serão discutidos, para que se entenda como eram abordados pela imprensa da época em Florianópolis.

Palavras-chave: Contestado; Messianismo; Movimentos Sociais

Abstract: The objective of this article is analyze the *Florianopolis* newspapers between September and November of 1912, and trying to understand what was the ideas that this papers had about the topics approached about *Contestado's* war: : the supposed Fanaticism of the *sertanejos* that fight in the war; the lands that was pretendend for Santa Catarina and Paraná; the war itself involving the *sertanejos*, the polices of Santa Catarina and Paraná and troops of Brazil's government. Throughthe newspapers *O Clarão* and *Folha do Comercio* this terms will be put on discussion, in order to understand how that papers in that specific age aboard these terms in *Florianópolis*.

Key-words: Contestado; Messianic; Social Moviments

### The *Contestado* War under the look of *florianopolitana* press

A Guerra do Contestado foi um conflito armado que ocorreu na primeira República entre 1912 e 1914. O que faz do Contestado um assunto tão discutido entre acadêmicos são as diferentes formas pelas quais o assunto é debatido. Seja pela questão dos limites de terras disputados por Santa Catarina e Paraná, seja pela questão do suposto fanatismo dos caboclos que participaram do conflito ao lado dos monges, ou até mesmo das conseqüências da ferrovia São Paulo/Rio Grande. A interrelação das abordagens dá margens para que a historiografia aborde o tema de diversas maneiras dando importância variada aos diversos aspectos.

O que relatavam os jornais da capital catarinense no começo do conflito? De que forma encaravam o que estava acontecendo dentro de seu próprio Estado? É procurando respostas a estas perguntas que farei uma análise dos jornais que circulavam por



Florianópolis no final do ano de 1912. Nesta época existiam os jornais *O Clarão*, *Folha do Commercio* e *O Dia*, sendo que o último não será utilizado devido à ausência de material no final do semestre de 1912. Começando a análise um mês antes do dito estopim da guerra, a Batalha de Irany, as matérias encontradas nestes jornais traduzem a opinião que os jornalistas de Florianópolis tinham sobre esta guerra e sobre os assuntos que a envolvem.

O assunto que primeiro chamou à atenção da imprensa ilhéu foi o dito “fanatismo”, que envolvia parte dos sertanejos que seguiam monges pelo interior do Estado. O jornal *O Clarão* tinha um discurso forte contra a Igreja Católica e a romanização do catolicismo imposto principalmente por padres estrangeiros vindos no final do século XIX. Tendo o seu conteúdo quase que exclusivo para reprimir a Igreja, pouco se falou sobre assuntos relacionados à Guerra do Contestado nos seus primeiros meses, mas a sua postura em relação aos ditos fanáticos era bem diferente das demais opiniões da época.

Em uma matéria é discutido, mesmo que indiretamente, o fanatismo religioso: comentando uma matéria que saiu no jornal “O Dia”. Era comum a prática dos jornalistas comentarem matérias publicadas em outros jornais. A pedido do Senhor Capitão João Carvalho, então ministro da Ordem Primeira de São Francisco, falando sobre um anúncio que saiu em boletins de uma missa que seria feita em uma igreja da sua Ordem à alma do monge José Maria, que este Senhor acreditava ser uma “perversidade de inimigos da Igreja Catholica para redicularizalos, pois a igreja não prestaria homenagens á alma de um bandido”<sup>1</sup>. O espanto do jornalista é relacionado ao fato do Capitão não querer uma missa a um bandido, sendo que pela doutrina Católica um bandido precisaria de preces para que Deus se compadeça pelo morto. Esta matéria é usada para atacar a Igreja Católica, e o jornalista insinua que se José Maria tivesse herdeiros e uma fortuna a igreja de bom grado faria a missa. Depois dos ataques, vem a posição do jornal:

O que porem nos indignou e que nos faz levantar vehemente protesto é chamar-se José Maria, de bandido. Quaes os actos de banditismo praticados por esse homem que vivia entre os seus adeptos a receitar? O facto de ter querido atacar a villa de Coritybanos não é um acto de banditismo, porque não se tem chamado e não se tem considerado bandidos os cabeças de outras revoluções. O combate de Irany

<sup>1</sup>Surpreza. *Jornal O Clarão*. Florianopolis, 16 de Novembro de 1912.



também não justifica o epitheto de bandido dado a José Maria. As suas forças combateram com a do bravo Coronel João Gualberto, n’uma *lucta commum*, não havendo após a victoria depredações, roubos e assassinatos, como deveria haver se realmente fosse José Maria um bandido. Nós assim o não consideramos e sim um visionario ou ainda por muito favor um revolucionario<sup>2</sup>.

Mesmo de forma indireta é possível notar uma defesa do Monge e também uma tentativa de legitimar a “revolução” na opinião dos jornalistas do *O Clarão*.

Já a *Folha do Commercio* aborda o tema do “fanatismo”, antes do conflito armado acontecer. “Vem de longe essa historia de *conselheiros*, zombando da simplicidade dos nossos sertanejos”<sup>3</sup>. Na mesma matéria há o alerta de que não só no campo que a credulidade humana não tem limites. Mas o discurso é diferente. A matéria acima citada continua em mais edições do jornal, analisando o povo sertanejo que segue os monges. A explicação para os jornalistas da *Folha do Commercio* sobre este fanatismo se restringir ao interior do nosso Estado era simples: o abandono ao qual o interior se encontrava.

O sertanejo fanatisado é uma consequencia da centralisação de tudo na orla do littoral immenso e emquanto a vida civilisada, com todos os seus attractivos e commodidades fez das cidades um amontoados de luxo e prazeres, os nossos irmãos do interior jazem ao abandono, sem escolas, sem caminhos para o escoamento dos seus productos, orphãos eternos do carinho administrativo. E quando vitimas d’esse abandono, atiram-se a todas as extravagancias, que a ignorancia engendra, entendemos que devemos reconduzil-os ao bom caminho pela convicção brutal do coice d’armas e pela bocca das carabinas.<sup>4</sup>

Na mesma matéria, o jornal tenta explicar o motivo dos sertanejos se lançarem cegamente ao fanatismo como consequência do abandono ao qual se encontram. É interessante observar a parte em que o jornal coloca que os sertanejos não têm por onde escoar os seus produtos, pois está relacionada à questão do difícil trajeto do litoral para o interior. Para finalizar, o jornal ainda justifica uma possível intervenção armada para reconduzir esses sertanejos ao “bom caminho”.

<sup>2</sup> Ibid. Florianopolis, 16 de Novembro de 1912.

<sup>3</sup> O Monge João Maria, O revolucionario de Curitybanos? Sua Historia: Narração exacta de sua vida. *Folha do Commercio*. Florianopolis, 26 de Setembro de 1912. N° 48.

<sup>4</sup> O Monge João Maria, O revolucionario de Curitybanos? Sua Historia: Narração exacta de sua vida. *Folha do Commercio*. Florianopolis, 28 de Setembro de 1912. N° 50.



A partir do mês de Outubro de 1912, o jornal *Folha do Commercio* passa a publicar outra matéria relacionada ao monge João Maria, mas também começa a se preocupar com o ajuntamento dos fanáticos:

José Muller, filho do vice-governador de Santa Catharina, falando aos jornaes, diz que é possível novo ajuntamento de fanáticos, embora estes simulassem dispersão, pois podem refazer grupos de malfeitores, buscando principalmente o oeste paranaense... ( ) Affirma que o caso nenhuma ligação tem com a questão de limites.<sup>5</sup>

É no começo de Outubro que os jornais de Florianópolis passam a descrever os caminhos percorridos pelos fanáticos. Mas a opinião do jornal pode parecer também contraditória. No primeiro caso analisado, parecia que legitimava o uso da força contra os sertanejos. Não passado muito tempo eis que escreve:

Somos dos que trabalham pelo progresso e civilização dos povos. Reflectam nisso os que tem a responsabilidade do bem publico, que o simples caboclo não é um degenerado; não se deve lançar contra elle os meios mais deshumanos, como castigo às suas superstições... ( ) Para restabelecer uma situação normal, não há necessidade de lançarmos mão da força armada. Recorramos aos princípios humanos cujas consequencias não sejam, sinão, aquellas inspiradas pela Justiça e pela Razão. Na cathecese dos nossos irmão da selva, o governo está utilizando dos methodos dignificantes, que, sem derramar sangue, possam chamar á comunhão dos homens civilisados essa gente selvagem.<sup>6</sup>

O discurso agora é contra a violência feita aos “selvagens” do interior e pró a aproximação pela catequese. É importante lembrar da romanização do catolicismo, que não era bem visto principalmente pelos sertanejos. Segundo Élio Serpa, “o relacionamento dos franciscanos que vieram da Alemanha e se estabeleceram em Lages e Curitiba a partir de 1892 era de total rejeição às praticas religiosas.”<sup>7</sup> Estes padres estrangeiros chegaram ao Brasil com a missão de “padronizar” os cultos da igreja e hierarquizar os cultos aos santos, entre outros objetivos. Cultos a santos de menor importância como São Jorge e também a práticas de bailes junto a festas incomodava os

---

<sup>5</sup> O caso de Curitybanos. *Folha do Commercio*. Florianopolis, 1 de Outubro de 1912. N° 52.

<sup>6</sup> O Monge: A proposito do caso de Curitybanos. *Folha do Commercio*. Florianopolis, 2 de Outubro de 1912. N° 53.

<sup>7</sup> SERPA, Élio. *A Guerra do Contestado (1912-1914)*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. p. 55.



padres que proibiram as suas práticas, o que descontentou muitos dos sertanejos que tinham suas próprias formas de religiosidade e costumes.

Em matéria feita pelo *O Clarão*, jornal que fazia uma cruzada contra os padres estrangeiros pois na sua opinião abusavam da boa vontade do povo, é evidenciado os “abusos” dos padres; “o corvo teve a petulância de ir na residencia de uma família na localidade de Curitybanos que comemorava noivado e os proibir de tocar o gramophone!”<sup>8</sup> A romanização do catolicismo pela matéria citada não incomodava só os sertanejos mas também jornalistas da capital catarinense. Esta reação pode ser considerada óbvia uma vez que os padres tinham o propósito de modificar os costumes aqui praticados.

Outro costume praticado por jornais da época era publicar cartas de leitores. Com o conflito prestes a eclodir, alguns leitores ainda indagavam sobre os discursos que queriam a prisão ou até mesmo a morte do monge:

De palpitante actualidade, merecem ser reproduzidas as seguintes gaiatices da alegre secção Pingos e Respingos, do Correio da Manhã: O que está apurado, afinal, a respeito do fanático Jose Maria é o seguinte: que é monge falso; que faz curas; que fala mal da republica. Mas senhores! E’ por isso querem dar cabo do pobre sertanejo? Estamos em um paiz que quasi tudo é falso. Que mal faz que haja um monge que não seja verdadeiro? Faz curas? Onde fica a liberdade de profissão do Rivadavia? E porque se ha de perseguir um homem que cura, quando os que matam ficam impunes? Fala mal da Republica? Ora tenham a bondade de apresentar-nos uma pessoa que fala bem della!<sup>9</sup>

O leitor autor da matéria não discute a veracidade do monge e de suas curas, mas pretende responder a matérias vinculadas a sessão Pingo e Respingo que vinculava cartas de leitores que queriam a dispersa dos fanáticos através das armas.

Nesta primeira etapa da análise, que se estende até início de Outubro de 1912, os discursos vistos nos jornais são relativos à organização do movimento dos sertanejos. Os jornais de Florianópolis visavam publicar matérias relativas ao fanatismo desses sertanejos, muitas vezes enaltecendo a ingenuidade do povo do interior que era excluído das maravilhas da modernidade que ficavam apenas na região litorânea. As notícias que não tinham a intenção de discutir a veracidade do monge e da ingenuidade dos fanáticos

<sup>8</sup> Insolência Fradesca. *O Clarão*. Florianópolis, 23 de Novembro de 1912.

<sup>9</sup> O Zé Maria; A troça destroçando o caso de Curitybanos, muita gente na Berlina. *Folha do Commercio*, Florianópolis, 8 de Outubro de 1912. n° 59.



que o seguiam falavam da movimentação dos mesmos. Algumas exceções falavam sobre a questão dos limites entre Santa Catarina e Paraná e sobre algumas conseqüências do conflito entre os dois Estados:

Como tenha chegado ao meu conhecimento que alguns commerciantes, violando a lealdade commercial, estão comprando quer directa quer indirectamente productos de Santa Catharina, tomo liberdade de lhe chamar a attenção para as condições da boycotage, deliberada por acordo do commercio, pois que não desejo agir de modo a ser desagradavel aos srs. commerciantes.<sup>10</sup>

A matéria é assinada pelo diretor da boicotagem, Dr. Pamphilo d'Assumpção e circulou no *Diario* de Curitiba do dia 3 do respectivo mês, e nos mostra que a disputa das terras entre os Estados inflamava a sociedade local exasperando o debate:

Com a proclamação da República – os estados do Paraná entraram novamente em discussão sobre a região – a Constituição de 1891 facultava aos estados o direito de cobrarem impostos sobre propriedades, profissões e indústrias. Cada estado pretendia aumentar a sua arrecadação e, assim, acirraram-se as discussões em torno da questão dos limites, estimuladas por interesse de grupos sociais que estavam no poder.<sup>11</sup>

O discurso nos jornais passa a mudar no dia 26 de Outubro de 1912. A capa do jornal *Folha do Commercio* estampa: “Os acontecimentos; Combate de Iwany; Detalhes- O número de mortos – Declarações de pessoas chegadas a Palmas.”<sup>12</sup> Após o movimento de sertanejos catarinenses em Palmas, pertencente ao estado do Paraná, é mandado regimentos de segurança a cidade de Palmas e logo em seguida acontece o confronto.

O destaque nos jornais passa a ser exclusivamente de noticias sobre a batalha. Um correspondente é mandado a Curitiba pela *Folha do Commercio* para relatar para os leitores florianopolitanos as noticias relacionadas agora ao confronto de Iwany, a movimentação de tropas após o chamado “fracasso da expedição paranaense”.<sup>13</sup> Também é relatado a movimentação dos fanáticos: “Telegramma recebido hoje nesta

---

<sup>10</sup> Parana' Santa Catharina, a boycotage. *Folha do Commercio*. Florianopolis, 18 de Outubro de 1912. n. 69.

<sup>11</sup> SERPA, Élio. *A Guerra do Contestado (1912-1914)*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. p. 12.

<sup>12</sup> *Capa da Folha do Commercio*. Florianopolis, 26 de Outubro de 1912. n. 74.

<sup>13</sup> Os Acontecimentos. *Folha do Commercio*. Florianopolis, 29 de Outubro de 1912. n. 77.



capital e precedente de Campos Novos, diz constar ali a dissolução do bando armado que em Irany derrotou a força do Paraná.”<sup>14</sup>

As matérias dos jornais seguem pelo mês de Novembro a relatar as preparações das forças armadas e da movimentação dos fanáticos, com raras exceções falando sobre os limites entre os estados. Ao analisar o tempo delimitado para artigo, pode-se dividir as matérias publicadas nos jornais de Florianópolis em duas fases distintas: antes do combate do Irany, as matérias geralmente procuravam analisar esta corrente dita fanática que ganhava força no interior do estado e também falar sobre a questão dos limites entre Paraná e Santa Catarina. Em uma segunda fase, a batalha do Irany leva a imprensa a relatar diariamente as conseqüências da batalha, tanto para as tropas paranaenses como dos “bandos armados” que voltaram para o território catarinense.

#### Fontes

*Jornal O Clarão*, Florianopolis, 16 de Novembro de 1912.

*Folha do Commercio*. Florianopolis, 26 de Setembro de 1912. n. 48.

\_\_\_\_\_, Florianópolis, 28 de Setembro de 1912. n. 50.

\_\_\_\_\_, Florianópolis, 1 de Outubro de 1912. n. 52.

\_\_\_\_\_, Florianópolis, 2 de Outubro de 1912. n. 53.

\_\_\_\_\_, Florianópolis, 8 de Outubro de 1912. n. 59.

\_\_\_\_\_, Florianópolis, 18 de Outubro de 1912. n. 69.

\_\_\_\_\_, Florianópolis, 29 de Outubro de 1912. n. 77.

\_\_\_\_\_, Florianópolis, 30 de Outubro de 1912. n. 78.

#### Referências Bibliográficas

SERPA, Élio. *A Guerra do Contestado (1912-1914)*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

---

<sup>14</sup> O Bando Armado. *Folha do Commercio*. Florianopolis, 30 de Outubro de 1912. n. 78.

